



Volume 2, Janeiro-março de 2006.

REVOLUCIONANTE

Felipe Bruno Martins Fernandes¹



À Cláudia, Walkíria e Maitê que,
Mesmo sem intencionalidade,
Inspiram-me a escrever sobre a Revolução.

Resumo: Revolucionante é um ensaio teórico sobre fragmentos da obra de Edgar Morin, pensador francês. Materializa-se como artigo voltado às companheiras e aos companheiros com identidade de esquerda, principalmente revolucionária; diz-se isso devido à linguagem e aspectos sócio-culturais divididos com estes indivíduos. Busca perceber como a complexidade se insere no cotidiano da luta social, muitas vezes individual, além de nos fazer questionar algumas certezas que tínhamos. Morin estrutura o pensamento da complexidade, que prediz que pensamentos e posições devem tencionar-se e não se tentar excluir a outridade. Debate, em momentos diferentes, a crise de paradigma, aspectos do marxismo e questões sobre a revolução. Conclui-se que é provável a necessidade de refiguração de diversos entes que se reproduzem em nossas mentes, idéias, para uma noção de fenomenologização, na qual, se optássemos por (re)figurar o pensamento, teríamos a possibilidade de vivermos nossos desejos, sonhos e utopias.

Palavras Chave: Revolução, Complexidade, Marxismo.

Abstract: Revolucionable is a theoretical essay about fragments of work of the french thinker Edgar Morin. Materializes as an article for fellows with left political identities, mostly revolutionaries; reminding that it is needed done because of the language and

¹ Mestrando em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG

social-cultural aspects shared with them. Tries to reveal how complexity goes into daily social movement life, sometimes individually, as well as making us question some certain that we had. Morin puts his work up as a complex knowledge, which says thoughts and positions should tensionate themselves and we should not exclude the otherness. Debate, in different moments, the paradigm crisis, some aspects of Marxism and thoughts about revolution. Bringing to a close, we say that's probable needed a refiguration of our ideas, forward a notion of phenomenology, in which, if we choose this way, we would have the possibility of living our desires, dreams and utopia.

Key Words: Revolution, Complexity, Marxism.

Podemos chamar o atual período que estamos vivendo de *era planetária*, que, segundo Morin (2003, p.21), “*começa com a descoberta que a Terra não é senão um planeta e com a entrada em comunicação das diversas partes desse planeta*”. Este período se implanta e se desenvolve na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz dos países pobres, principalmente Américas e África. Percebemos que a humanidade e o planeta vivem atualmente uma crise, podendo esta ser caracterizada em diversos sentidos e direções - biológica, social e individual. A difusão do stress, a poluição dos rios, os conflitos grupais, as extinções, as desigualdades sociais, os valores atuais de consumo e individualismo, são fatores que auxiliam na visualização da crise, sendo ela, portanto, uma crise socioambiental. Existem inúmeros outros fatores, muitos deles ainda nem imaginamos existir ou ainda não os nomeamos. Faz-se necessário que iniciemos um processo generalizado de (des)aprendizagem das crenças, conhecimentos e valores que um dia nos pareceram certos e inabaláveis (Grün, 1994), já que o homem criou novas esferas da vida, sendo estas a vida do espírito, a vida das idéias, a vida da consciência e é, a partir destas novas criações, que o homem se torna progressivamente estranho ao mundo vivo e animal (Morin, 2003). Segundo Morin (2002, p.81):

A incerteza e riscos não são apenas vazios e lacunas do conhecimento; são os seus estimulantes; estimulam sua atenção, a vigilância, a curiosidade, a inquietação, as quais estimulam o fundamento de estratégias cognitivas, isto é, modos de conhecer através do incerto, do vago, do risco.

Seguindo este raciocínio, entendemos que obstáculos poderão ser colocados a todo o momento para que a humanidade os supere e avance no sentido de uma nova sociedade sustentável, sendo a sustentabilidade “*à consequência da interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade*” (Capra, 1996, p.235), características de ecossistemas naturais sustentáveis. “*O sucesso da comunidade toda depende do sucesso de cada um de seus membros, enquanto que o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um todo*” (ibid.). Se trouxermos estas idéias para a sociedade humana atual, veremos que “*não apenas cada parte do mundo faz*

cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes” (Morin, 2003, p.34). Tanto as comunidades ecológicas como as comunidades humanas são sistemas vivos que exibem os mesmos princípios básicos de organização: a organização em rede (Capra, 1996).

A Teia da Vida é uma rede flexível e sempre flutuante (id.). Como nos organizamos em redes sociais, é necessário que sempre avancemos no sentido da ampliação de nossa rede e na construção de uma outra sociedade. *“Quanto mais variáveis forem mantidas flutuando, mais dinâmico será o sistema, maior será a sua flexibilidade e maior será sua capacidade para se adaptar a condições mutáveis”* (id., p.234). Somos pontos, que através da conexão com outros pontos vamos em nossa caminhada, aprendendo e ensinando, (re)aprendendo, apreendendo vivências, e assim formulando respostas para os questionamentos da vida.

Os princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo – *sem que disso tenhamos consciência* – são nomeados como paradigmas (Santos, 2003). O paradigma dominante, que pode ser entendido como *“a base estruturante da nossa sociedade, vem perdendo ‘status’ epistemológico de leitura do mundo e vem enfraquecendo, no homem, a sensação de pertencimento e segurança”* (id., p.22). Estas colocações da professora Akiko Santos, nos mostra a existência de uma crise do paradigma dominante, que encaixa dialogicamente com a crise socioambiental exposta anteriormente. A crise do paradigma dominante pode ser *“considerada profunda e irreversível”* (Fontoura, 2004, p.4). Já podia ser visualizada em Einstein que falava *“da função social da ciência e dos perigos do uso indevido das descobertas científicas”* (Almeida, 2003, p.32), sendo esta crise paradigmática o resultado de uma pluralidade de condições tanto sociais, quanto teóricas (Fontoura, 2004). Neste contexto diversos autores, dentre eles vários do campo da educação ambiental (Humberto Maturana, Michel Serres, Ignacy Sachs, como exemplos), discutem a estruturação de um novo paradigma, denominado paradigma emergente (id.). *“As leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia ‘como funcionam as coisas’ em detrimento de ‘qual o agente’ ou ‘qual o fim das coisas’”* (id., p.4). O conhecimento gerado a partir do paradigma dominante é fundado em um modo que pode ser considerado mutilador, que segundo Santos (2003, p.13-14):

opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou desune) e une (associa, identifica), hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções mestras).

Podemos avaliar que entre o conhecimento claro e logicamente definido e o inconcebível há uma zona incerta onde ocorre a prova decisiva e última dos limites e das possibilidades do conhecimento (Morin, 1999). Todo conhecimento é reconstrução do conhecimento que, comportando o risco e a incerteza, permite o desenvolvimento de estratégias cognitivas e de estratégias de comportamento (Morin, 2002).

Os homens, ao estruturarem teorias, fazem com que tais teorias iluminem as atividades cotidianas e organizem sua leitura do mundo, mas correm os riscos de encerrarem-se nas suas próprias teorias, quando estas não são recicladas e realimentadas na interação com o meio, provocando desajustes mentais e emocionais (Santos, 2003, p.22).

O que podemos e devemos aprender com os ecossistemas é como viver de maneira sustentável (Capra, 1996), entendendo que qualquer ser vivo extrai informações do seu ambiente a fim de adaptar as suas ações (Morin, 2002), mas estas informações, para os seres humanos, *‘só tomam sentido quando se transformam em instrumento de interlocução; de diálogo (interior) multifacetado e multidimensional’* (Santos, 2003, p.20). O ambiente não traz as informações, mas sim as condições de extração das informações e, por isso mesmo, cria as condições do conhecimento vivo (Morin, 2002). O novo pensamento planetário, numa ótica de transformação social, deve romper com dois aspectos capitais: (i) o universalismo abstrato (*‘os proletários não tem pátria’*) e (ii) o revolucionarismo abstrato (*‘façamos tabula rasa do passado’*) (Morin, 2004).

A vontade de mudança radical em nossas vidas se expressa cotidianamente e pode ser vista em diversas ações de sujeitos, como exemplos podemos citar as manifestações ocorridas em todo o mundo contra a guerra do Iraque, as paradas do orgulho homossexual e a própria aglutinação de ativistas de todo o mundo nas edições do Fórum Social Mundial, que surgiu em oposição a Davos. A mudança; conhecida como Revolução; é uma utopia que tem sido dirigida principalmente pelo que conhecemos como “marxismo”. Mas, ao mesmo tempo, entendemos não a existência de um marxismo, mas marxismos, sendo o marxismo um compromisso estabilizado entre o método do filósofo Karl Marx e uma sistematização que pretende ser a autêntica expressão do conjunto das idéias, teses e conclusões de Marx (id.). Podemos diferenciar o método marxista através de suas características, a ver, (i) o espírito crítico radical ilimitado; (ii) o pensamento dialético sempre em movimento e (iii) a ação de privilegiar o ‘movimento’ em oposição à essência enrijecida (id.).

Vale lembrar que *“é anti-marxista considerar o verdadeiro marxismo aquele que tem o poder”* (id., p. 73), como foi e é o caso, muitas vezes, do marxismo staliniano, que se auto-avalia mais verdadeiro e científico do que o marxismo trotskista apenas por

ter reinado na URSS (id.). O marxismo staliniano quis negar toda a física moderna, já os marxismos não stalinianos desdenharam-na, fechando em si mesmos (id.). Existe um fantástico ‘buraco negro’ em nosso conhecimento, o da *possessão* dos nossos espíritos, não somente por gênios ou deuses, mas também por doutrinas ou ideologias (Morin, 1999). “A partir do momento que o marxismo se torna uma ortodoxia, condena-se a si próprio (...), já que uma ortodoxia considera que há teses sagradas, intocáveis, que não podem ser questionadas no interior da doutrina” (Morin, 2004, p.83). Esta ortodoxia se expressa também na afirmação categórica de que só o marxismo pode revisar-se e que somente ele pode analisar os novos dados do real (id.). Há movimentos de pesquisa em diferentes correntes marxistas, dentre exemplos, Morin (2004, p.78) nos traz que:

No plano da teoria geral do desenvolvimento social na sociedade moderna, nenhuma contribuição houve desde Lênin a não ser, em plano secundário, a tese trotskista sobre o stalinismo e sobretudo a inversão de ótica operada por “Socialismo ou Barbárie”², que retira da URSS qualquer privilégio atribuído ao proletariado na medida em que elabora a tese do desenvolvimento mundial da nova classe explorada, a burocracia³ (id., p.78).

As correntes “Socialismo ou Barbárie” e o trotskismo esclareceram não só a teoria da burocracia citada acima, mas também a do socialismo de Estado (id.). É importante ressaltar que Marx foi um dos mais importantes filósofos dos últimos séculos e sua filosofia incide concretamente na vida de muitas pessoas. Segundo Edgar Morin, em seu livro *Em Busca dos Fundamentos Perdidos*, são quatro as contribuições próprias de Marx, a ver:

1) A relação dialética entre os fenômenos políticos, religiosos, ideológicos, etc., por um lado e, por outro, os conflitos de classes sociais; a relação entre estes conflitos e os sistemas de propriedades dos meios de produção; a relação entre esses sistemas e os processos engendrados pela evolução tecnológica concebida como movimento elementar da produção do homem por si mesmo (id., p.79).

2) Tudo o que parece ser próprio da natureza humana consiste, de fato, em produto da história de toda a sociedade, e que as concepções do mundo que emergem nas sociedades, suas relações com o real, são funções da experiência social, das experiências históricas, de modo que todas as opiniões, as ideologias sobre o mundo, refletem certa relação ativa da história humana com a natureza que ela transforma (id., p.79-80).

3) Mostrou que havia contradições no regime capitalista, e que, a oposição que existe entre capitalismo e proletariado abria a perspectiva do socialismo (id.).

4) “*Há uma verdadeira totalidade de elementos em movimento, e que as contradições que aparecem nesta totalidade são o motor efetivo do desenvolvimento humano*” (id., p.80).

² Corrente dissidente do trotskismo ilustrada na França (MORIN, 2004, p. 77).

³ Segundo comentário do autor, “*tese interessante na esclerose atual, mas ela também bastante dogmática*” (MORIN, 2004, p. 78).

Quando somos “alfabetizados ecologicamente”⁴ aprendemos que o capitalismo não é sustentável (Capra, 1996). Este sistema se caracteriza como um dos traços dominantes das sociedades atuais, mas não pode ser considerado como o único (Morin, 2004). Ao mesmo tempo, é necessário entendermos que em todos os sistemas marxistas “*vê-se aparecer uma tendência à estruturação, à imobilização, que pode conduzir à esclerose, à petrificação e, em casos extremos, mas freqüentes, a fetichização em dogmas religiosos*” (id., p.74). Além disso, “*a crença na missão histórica do proletariado não é científica, mas messiânica*” (id., p.96). Portanto, no que concernem as atividades comerciais e economia, nossa tarefa é a de recompor estas áreas, buscando uma produção e consumos cíclicos, já que na atualidade, nossos sistemas industriais são lineares (Capra, 1996).

A grande ameaça “*à sobrevivência e ao devir da humanidade*” (Morin, 2003, p.97) que hoje pesa sobre o planeta reside na aliança de duas barbáries (Morin, 2004, p.96). A primeira é:

proveniente do fundo das idades históricas, traz guerra, massacre, deportação, fanatismo e reproduz, através de diferentes sociedades, as hierarquias, dominações, explorações dos seres humanos, dentre as quais aquelas são próprias ao capitalismo (id., p.97).

Já a segunda barbárie é:

proveniente da nossa civilização tecno-industrial-burocrática que impõe sua lógica mecânica, fria, anônima, ignora os indivíduos, seus corpos, sentimentos, almas e coloca ao serviço dos poderes as armas de destruição e os meios de manipulação (id., p.97).

A aliança com formas diversas entre estas duas barbáries, selada em Kolyma, Auschwitz e Hiroshima tornou-se universal (Morin, 2003) e, através delas podemos delimitar as nossas duas finalidades terrestres:

1) CONSERVADORA:

trata-se de preservar, de salvaguardar não apenas as diversidades culturais e naturais degradadas, (...) não apenas as conquistas civilizacionais ameaçadas pelos retornos e as manifestações de barbárie, mas também a vida da humanidade ameaçada pela arma nuclear e a degradação da biosfera (id., p.99);

2) REVOLUCIONANTE⁵: “*trata-se de criar as condições em que a humanidade se realizaria enquanto tal numa sociedade/comunidade das nações*” (ibid.).

É necessário que entendamos que “*administrar um sistema social significa encontrar os valores ‘ideais’ para as variáveis do sistema*” (Capra, 1996, p.235) e que,

⁴ Segundo CAPRA (1996, p.231), “*ser ‘eco-alfabetizado’ significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis*”.

⁵ O autor negligencia o adjetivo ‘revolucionária’, que se tornou reacionário e muito manchado de barbárie (MORIN, 2003, p. 99).

estimulando a autonomia e participação dos sujeitos, garantiremos o pleno exercício da cidadania, sendo que este exercício implica marcar presença na esfera pública, adquirir e garantir direitos, cumprir com regulamentações sociais, além de lutar quando as condições se tornam adversas (Scherer-Warren, 2002). Ao se construir a reflexão autônoma dos sujeitos, deve-se levar em conta que esta ação *“significa ter capacidades para fazer opções, posicionar-se e assumir a dependência interna e externa, retirando do meio externo, elementos para construir e reconstruir o mundo interno”* (Santos, 2003, p.24). Devemos entender também que em toda comunidade existem e sempre existirão contradições e conflitos, sendo que estes não podem ser resolvidos em favor de um ou do outro lado (Capra, 1996) ou simplesmente através de uma *“síntese”*. *‘Esses conflitos inevitáveis são muito mais bem resolvidos estabelecendo-se um equilíbrio dinâmico, em vez de sê-lo por meio de decisões rígidas’* (id., p.235).

A ‘alfabetização ecológica’ inclui o conhecimento de que ambos os lados de um conflito podem ser importantes, dependendo do contexto, e que as contradições no âmbito de uma comunidade são sinais de sua diversidade, e de sua vitalidade e, desse modo, contribuem para a viabilidade do sistema (id., p.235).

A famosa *“propaganda”*, amplamente difundida nos partidos e movimentos de esquerda, deve entender que *‘há aprendizagem quando o conhecimento é incorporado, transformando a prática do viver em interlocução com o meio’* (Santos, 2003, p.26), portanto, não bastam cartazes, panfletos, mas sim a organização periódica de cursos de formação, oficinas, capacitações, priorizando atividades presenciais e dialogando as mais diversas correntes políticas e teóricas no sentido da garantia do acesso a informação transparente. Quando falamos, devemos entender que:

a compreensão de uma frase evoca, instantaneamente, imagens, sons, experiências vividas, intuições, sensações, humores, deduções, comparações, relações lógicas, rejeições, solidariedade, coerências, contexto individual, social, ético (id., p.26).

Neste sentido, as mais diversas experiências e interpelações vividas por cada indivíduo incidem sobre sua prática política, não sendo esta, portanto, apenas expressão de doutrinas e programas previamente construídos. A Educação seria muito mais eficiente se cuidasse das múltiplas dimensões do sujeito e do conhecimento: dimensão poética, ética, utópica, histórica, social cultural e filosófica, e não somente manter-se no uso da linguagem voltada para a racionalidade tecnocientífica (Santos, 2003). Não aprendemos linearmente.

A parte só pode ser entendida em função do todo. *“Querer que alguém aprenda progressivamente, de parte em parte, é não lhe dar outra saída, a não ser memorizar, desconhecendo o significado do conhecimento em questão”* (id., p.28). Portanto, ao

educador cabe: (i) superar os conceitos tradicionais e transgredir a estrutura disciplinar do sistema; (ii) buscar conhecimentos desde diferentes óticas; (iii) entender e falar diversas linguagens e (iv) considerar vários sistemas de referência (id.).

O termo diversidade, colocado na ordem do dia pelos movimentos sociais, significa muitas relações diferentes, muitas abordagens diferentes do mesmo problema, sendo assim, se a comunidade estiver fragmentada em grupos e indivíduos isolados, a diversidade poderá, facilmente, tornar-se uma fonte de preconceitos e de atrito (Capra, 1996). Para superar a fragmentação social, é necessário estabelecermos parcerias, sendo estas, além de características essenciais das comunidades sustentáveis, a *“tendência para formar associações, para estabelecer ligações, para viver dentro de outro organismo e cooperar”* (id., p.233-234). A flexibilidade e diversidade permitem que os ecossistemas sobrevivam a perturbações e se adaptem a condições mutáveis (Capra, 1996).

A falta de flexibilidade em comunidades humanas se manifesta em forma de tensão. Em particular, haverá tensão quando uma ou mais variáveis do sistema forem empurradas até seus valores extremos, o que induzirá a uma rigidez intensificada em todo o sistema. A tensão temporária é um aspecto essencial da vida, mas a tensão prolongada é nociva e destrutiva para o sistema (id., p.234-235).

Encaminho para a finalização do pensamento com uma brilhante citação de Edgar Morin onde ele diz que o homem ideal⁶ é aquele que:

Seu equilíbrio se modifica, se destrói e se reformula no campo da batalha das contradições. Não quer expulsar o negativo do mundo, mas participar de suas energias. Não quer destruir o positivo, mas resistir à petrificação. Não quer nem escapar ao real nem aceitá-lo, mas gostaria que o real fosse transformado e talvez espere que este real seja um dia transfigurado. Esforça-se para tornar criativa em si próprio a luta dos contrários. Tragédia e comédia, epopéia e farsa estão para ele indissolúvelmente presentes a cada instante. Ele se sabe enfermo, particular, mas o que o comove é a universal miséria de cada um e não a solidão. A solidão é a enxaqueca do mundo burguês. Este homem não odeia nada nem ninguém. Suas duas paixões são o amor e a curiosidade. Sua curiosidade é uma energia sem fronteiras. Seus amores não se excluem nem se tornam insípidos. Este homem adulto é, ao mesmo tempo, muito velho, criança e adolescente. Está sempre em formação. Obstina-se em procurar o além (Morin, 2004, p. 68-69).

III – Última consideração



⁶ O autor diz que faz esta colocação pela ausência de um modelo (MORIN, 2004, p. 68).

O presente ensaio que se conclui visa, de companheiro para companheiro, trazer reflexões de um dos mais importantes pensadores da atualidade, Edgar Morin, tendo ele próprio dedicado sua vida para o que nomeava “Revolução”. Também acredito que quando qualquer pensamento se transforma em uma idéia, ou seja, em um ente que se reproduz nas mentes, não deva ser abolido, mas tencionado. Emergir em suas energias, mesmo que negativas, e abocanhar, mastigar, digerir, às vezes regurgitar novas idéias, novos pensamentos e **talvez**, produzir algo concreto. Quem sabe se transformássemos tudo em fenômeno não facilitaríamos as coisas? *...it's surely not easy...* Quem sabe se vivermos nossa ambientalidade, nadantes em um Real feliz, alcancemos nossos desejos, sonhos e utopias.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria da Conceição. As Artes da Nova Ciência. In: ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Ângela Maria. Polifônicas Idéias. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1996.
- FONTOURA, Ana Elisa Sparano; BRAUN, Ani Maria Swarowsky; FREITAS, Elisete Maria. Emoção, Contrato Natural e Ecodesenvolvimento: Parâmetros do Paradigma Emergente. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, FURG, v. 13, p. 1-15, jul./dez. 2004.
- GRÜN, Mauro. Ciência, Ética e Educação Ambiental em um cenário Pós-Moderno. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 19, n. 2, p. 171-196, jul./dez. 1994.
- MORIN, Edgar. Em busca dos fundamentos perdidos – textos sobre o marxismo. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- _____. O Método 3: a consciência da consciência. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. O Método II: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____.; KERN, Anne-Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SANTOS, Akiko. Didática sob a ótica do pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2003.

⁷ Mesma autora da epígrafe.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e participação. In: SORRENTINO, Marcos. (org). Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2002.